

Problemas de uso do gerúndio em resumos de artigos científicos: uma contribuição para a revisão textual*

*Problematic uses of the gerund in abstracts of
scientific papers: a contribution to text review*

Márcia dos Santos Dornelles**

Maria José Bocorny Finatto***

Resumo: Este estudo exploratório buscou identificar quais características sintático-semânticas podem tornar o gerúndio um elemento problemático para compreensão da leitura de resumos em português de artigos científicos. Para tanto, consultou-se uma série heterogênea de materiais e de obras de referência sobre o tema gerúndio, e traçou-se uma inter-relação com conceitos de leitura e objetividade, e características do gênero resumo. Constituem o *corpus* nove resumos publicados em anais de congresso na área de Ciências do Esporte. Para observação dos dados, gerou-se uma tabela de classificação sintático-semântica dos empregos de gerúndio encontrados na amostra. Verificou-se que a invariabilidade morfológica do gerúndio, somada a uma forma inadequada de seu emprego numa oração, pode gerar ambiguidade quanto ao sintagma ao qual se refere e à proposição que expressa.

Palavras-chave: Resumo. Leitura. Revisão textual. Objetividade. Gerúndio.

Abstract: *This exploratory study aimed at identifying which syntactic-semantic features can make the gerund a problematic element for reading comprehension of Portuguese abstracts of*

* O estudo aqui apresentado retoma boa parte do trabalho de conclusão de Especialização em Estudos Linguísticos do Texto, realizado em 2006, na UFRGS.

** Mestranda e servidora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, marcia@esef.ufrgs.br

*** Professora Associada 3 do Dep. de Linguística, Filologia e Teoria Literária da UFRGS, pesquisadora do CNPq, mariafinatto@gmail.com

scientific papers. To do so, a heterogeneous series of materials and reference works on the subject of the gerund was reviewed, and concepts of reading and objectivity were interrelated with characteristics of the abstract genre. The study corpus is composed of nine abstracts published in the proceedings of a congress in the field of Sports Science. For the analysis of data, a table was drawn up offering a syntactic-semantic classification of the uses of the gerunds found in the sample. It was found that the morphological invariance of gerund, coupled with an inappropriate form of its employment in a sentence, can lead to ambiguity regarding the syntagm to which it refers to and the proposition it expresses.

Keywords: Abstract. Reading. Text review. Objectivity. Gerund.

Introdução

Este ensaio de pesquisa toma como objeto de estudo o resumo de artigos científicos. Como um “cartão de visita”, o resumo tem a finalidade de difundir as informações contidas no artigo e, assim, auxiliar o leitor a decidir sobre a conveniência ou não de ler o texto completo. Nesse sentido, a objetividade e a clareza nesse gênero textual¹ e discursivo são características fundamentais para, dentro do possível, evitar que se façam interpretações do conteúdo do texto diferentes da planejada pelo autor².

É nosso entendimento que o leitor não deveria encontrar em um resumo de artigo um grau de ambiguidade tão grande a ponto de ter de recorrer à leitura de todo o artigo ou de parte dele para tentar desfazê-la, o que invalidaria a própria finalidade do resumo. Assim, pressupomos que seja uma das tarefas do revisor textual colaborar para que o resumo cumpra sua função. O revisor deverá saber colocar-se, ao mesmo tempo, nos papéis de coautor e destinatário do texto para tentar preencher eventuais lacunas e desatar “nós” que possam impedir uma adequada compreensão da informação.

Na prática profissional da revisão, são comuns casos de empregos problemáticos do gerúndio em resumos de artigos em português, seja porque não se evidencia o sintagma ao qual ele se refere ou porque não fica clara a relação que estabelece com a oração principal. A grande frequência desses casos parece demonstrar que tais problemas passam despercebidos tanto pelo autor como pelo revisor textual. Mais grave ainda alguns leitores-alvo talvez nem sequer percebam a pluralidade de leituras possíveis dessas orações

¹ Mais detalhes sobre essa noção estão em 3.1.

² Apesar de um artigo científico comumente ter mais de um autor, optamos aqui por usar a forma singular.

gerundivas e acabem produzindo uma interpretação do texto diferente daquela intencionada pelo autor.

Partindo dessa constatação e da inter-relação entre resumos, gerúndio e problemas recorrentes para a revisão, buscamos responder e também chamar a atenção dos revisores textuais para a seguinte questão: Que características podem tornar o gerúndio um elemento problemático para compreensão da leitura de resumos? Para ensaiar respostas, recorremos a uma série heterogênea de materiais e de obras de referência que tratam do tema gerúndio³, e empreendemos uma observação em uma amostra de ocorrências de gerúndios em resumos de artigos científicos.

Nosso *corpus* de estudo é composto por nove resumos em português de artigos científicos publicados na área de Ciências do Esporte. É a partir dessa amostra que construiremos nossas reflexões com vistas a uma expansão da investigação.

2 Materiais e métodos

Os resumos sob exame estão publicados em disco compacto (CD) nos Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, eventos organizados e promovidos pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Estes foram realizados no período de 4 a 9 de setembro de 2005, na Escola de Educação Física da UFRGS, com o tema central “Ciência para a Vida”.

Os resumos no CD estão subdivididos em 13 grupos de trabalho temáticos (GTTs), dos quais selecionamos dois: Atividade Física e Saúde (AFS) e Rendimento de Alto Nível (RAN). O grupo AFS reúne no CD um total de 37 resumos; o RAN, 21.

Para a observação dos textos e a seleção do *corpus*, adotamos esta metodologia:

³ Considerando o cunho exploratório deste trabalho e também a dispersão do tratamento do tema na literatura, tomamos a decisão de não nos filiar a referenciais lingüísticos *stricto sensu*.

- 1) localização da presença de gerúndio mediante uma busca do sufixo *-ndo* (comando “localizar” no programa Word for Windows) nos 58 resumos que integram os dois GTTs escolhidos no CD;
- 2) leitura dos resumos em que havia gerúndio simples⁴: 39 ocorrências de gerúndio simples foram encontradas nesses resumos.
- 3) identificação das construções com gerúndio simples que possibilitavam mais de uma interpretação na leitura e geravam ambiguidade: 16 ocorrências (41%);
- 4) observação preliminar de características sintático-semânticas desses usos problemáticos;
- 5) seleção de amostra representativa das ocorrências que ofereceram maior dificuldade de compreensão: três resumos do grupo AFS e seis do RAN.

Cabe explicitar que nosso foco está apenas sobre os resumos e seus títulos. Títulos e resumos serão tomados como textos autônomos, ou seja, sem relação com as palavras-chave nem com o corpo do texto do artigo que os seguem.

Para a descrição dos dados com base na revisão da literatura, geramos uma tabela de classificação sintático-semântica dos empregos de gerúndio encontrados na amostra. Com vistas a facilitar a observação da classificação por nosso leitor, transportamos para a tabela um recorte textual mínimo de cada resumo, tal que mostrasse o funcionamento do gerúndio no enunciado. Por fim, ponderamos os dados descritos e identificamos as características de usos problemáticos do gerúndio para a compreensão das informações nos resumos.

Importa sublinhar, ainda, que as normas para submissão dos artigos estabeleciam para os resumos uma extensão máxima de 100 palavras. Além disso, destacamos a seguinte advertência dos organizadores dos eventos, constante nos Anais: “Não foram feitas revisões ou correções nos artigos. O conteúdo dos mesmos é de inteira responsabilidade de seus autores”. Não

⁴ Diferentemente do gerúndio empregado na forma composta (p. ex., *tendo lido* ou *estava lendo*), o gerúndio simples (p. ex., *lendo*) não funciona como verbo auxiliar nem é acompanhado de um.

podemos assegurar que os textos não tenham sido revisados por um profissional antes de serem submetidos; mas, com certeza, a pequena dimensão do resumo e a indicação de não-revisão são fatores que podem repercutir sobre a feição dos textos.

A seguir, trazemos alguns conceitos básicos para nossa observação.

2 Conceitos de referência

Seguem aqui alguns conceitos⁵ de *leitura* e *objetividade* que nos auxiliaram no percurso de reflexão sobre a funcionalidade do gerúndio no texto do resumo.

2.1 Leitura

Kleiman (2004, p. 49) define a atividade de leitura como “um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor, e que, portanto, será diferente para cada leitor, dependendo de seus conhecimentos, interesses e objetivos no momento”. A autora vê o processo de leitura como “um conjunto de estratégias cognitivas e metacognitivas de abordagem do texto” (p. 50). Assim, nessa “interação a distância entre leitor e autor via texto”,

[...] o leitor constrói, e não apenas recebe, um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões. Contudo, não há reciprocidade com a ação do autor, que busca, essencialmente, a adesão do leitor, apresentando para isso, da melhor maneira possível, os melhores argumentos, a evidência mais convincente de forma mais clara possível (KLEIMAN, 1989, p. 65).

Segundo Kleiman (1989, p. 65), a relação que se estabelece entre leitor e autor mediante a leitura é de “responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos”. Nesse sentido,

⁵ A apresentação desses conceitos é propositalmente recortada. Não é nosso objetivo dar conta de uma totalidade do pensamento dos autores referidos, nem do quadro geral da área de estudos sobre Leitura.

[...] o autor, que segura a palavra, por assim dizer, por um turno extenso, como num monólogo, deve ser informativo, claro e relevante. Ele deve deixar suficientes pistas no seu texto a fim de possibilitar ao leitor a reconstrução do caminho que ele percorreu. Isso não quer dizer sempre haja necessidade de explicitação, mas que o implícito possa ser inferido, ou por apelo ao texto ou por apelo a outras fontes de conhecimento. Já o leitor deve acreditar que o autor tem algo relevante a dizer, e que o dirá clara e coerentemente (KLEIMAN, 1989, p. 66).

Sobre o senso crítico na leitura, característica do leitor experiente, Kleiman (1989, p. 79) destaca que:

[...] a capacidade de perceber a atitude do autor nos textos requer habilidades que vão além da identificação automática dos itens lexicais, pois ela envolve a reconstrução de uma posição argumentativa implícita a partir de elementos lexicais explícitos. (...) a reconstrução de uma argumentação com base em pistas objetivas é essencial para a interpretação crítica da intenção argumentativa do autor, própria da leitura como interação.

Na construção de sentidos de um texto, entram em cena a coerência e a coesão textuais. Quanto à primeira, Bentes (2004, p. 260) já postulava que “é um princípio de interpretabilidade, ou seja, podemos perceber que a coerência de um texto não depende somente de uma correta decodificação dos sentidos presentes no texto, decodificação esta feita por meio da detalhada observação dos elementos lingüísticos”. Para cada gênero textual,

[...] devem ser observadas certas condições: não os lemos da mesma maneira, e os princípios gerais aplicados, necessários para que o(s) sentido(s) global(is) seja(m) estabelecido(s), não vêm especificamente de nossa capacidade de decodificação do sistema lingüístico, mas de nossa inserção na sociedade como um todo (BENTES, 2004, p. 260-261).

Assim, o leitor de um resumo de artigo científico, para reconstruir as situações narradas no texto e atribuir-lhes um sentido global, não apenas faz uma série de inferências e ativa seu conhecimento de mundo⁶, como faz o leitor de qualquer gênero textual. Como leitor especializado, ele também aciona seu conhecimento específico sobre o tema tratado no texto.

Bentes (2004, p. 263) ressalta, ainda, que a situação comunicativa, entendida tanto como o contexto imediato da interação quanto como o contexto sócio-político-cultural, interfere na produção/recepção de um texto e “pode contribuir fortemente para a construção de um ou de mais de um sentido global para o texto”.

⁶ Para saber mais sobre os tipos de conhecimento de mundo (*frames*, esquemas e plano) ativados durante o processo de leitura, ver Bentes (2004, p. 265-266).

2.2 Objetividade

Guedes (2002, p. 113), ao também enfatizar o caráter de “interlocução a distância” de todo texto escrito, define a objetividade de um texto como

[...] a qualidade que consiste em dar ao leitor os dados necessários para que ele entenda o texto apenas lendo o texto, que, se for objetivo, contém todos os elementos necessários ao entendimento da mensagem. A atitude necessária ao autor que quer produzir um texto com esta qualidade é a antecipação das necessidades do leitor para o entendimento do que quer [que] ele entenda, acredite ou faça depois de ler o texto. Para adotar tal atitude o autor precisa desprender-se de si mesmo e movimentar-se em leitor de seu texto, calculando quais seriam os dados necessários para que o leitor fizesse o movimento intelectual que deseje que ele faça.

Como resultado de um “movimento intelectual” bem-sucedido na leitura do resumo de um artigo científico, seu autor espera que o leitor se interesse em ler todo o artigo. Assim, a objetividade e a clareza do resumo são qualidades fundamentais diretamente relacionadas no propósito de facilitar a compreensão dos sentidos que o autor queira dar ao texto:

Na verdade, quando o leitor diz do texto confuso, vago, impreciso, sem objetividade e sem concretude que lê: é, mas dá pra entender..., esse leitor não está livrando a cara do seu autor. Está na verdade dizendo que o texto está péssimo, pois só fazendo um grande esforço dá para atribuir algum sentido a isto aqui (GUEDES, 2002, p. 114).

O revisor de um artigo científico tem a responsabilidade de colocar-se, ao mesmo tempo, no lugar do autor e do leitor para tentar assegurar a inteligibilidade da mensagem. Nesse sentido, adaptando Geraldí (1991, p. 164), o profissional “faz-se *interlocutor* que, questionando, sugerindo, testando o texto do [autor]⁷ como leitor, constrói-se como ‘co-autor’ que aponta caminhos possíveis para o [autor] dizer o que quer dizer na forma que escolheu”.

E como se inter-relacionam os conceitos de leitura e objetividade, e o emprego do gerúndio? A resposta requer que adiantemos alguns pontos que serão tratados nas próximas seções. A fixidez na forma do gerúndio contrasta com sua versatilidade de usos. Assim, ele funciona como uma espécie de “coringa da comunicação”. Como tal, a interpretação (leitura) do seu sentido⁸ e a própria identificação do sintagma ao qual ele se refere dependem da forma como é empregado. Daí que, se o texto do resumo que traz o gerúndio não for objetivo o bastante, isto é, não fornecer pistas formais suficientes para a

⁷ No original, a palavra utilizada é *aluno*.

⁸ Neste trabalho, usamos o termo sentido numa acepção genérica, sem fazer distinção ao conceito de significado.

compreensão do funcionamento do gerúndio na oração, a leitura que se espera de parte do resumo ou mesmo do seu todo pode ficar comprometida.

Passemos agora a uma brevíssima revisão da literatura.

3 Revisão da literatura: o resumo de artigo científico e o gerúndio

Antes de tratar do resumo como gênero textual, é preciso demarcar que a noção de gênero que tomamos neste estudo é a de Swales (1990). Esse autor, ao entender gênero textual como uma classe de eventos comunicativos, moldado e cultivado por uma comunidade discursiva, representa uma perspectiva acolhida internacionalmente dos estudos sobre gênero textual. Seu trabalho é especialmente reconhecido em função de ter tratado extensivamente da feição e dos problemas da escrita acadêmica, com destaque para o artigo científico:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros da comunidade discursiva que trabalha com eles e, portanto, constituem a lógica subjacente aos gêneros. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe a escolha do conteúdo e o estilo. Além do propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo (SWALES, 1990:58, *apud* POSSAMAI, 2004, p. 33)⁹.

A seguir, apresentamos alguns conceitos de resumo de artigo científico. Embora divergentes em alguns pontos, todos apontam a concisão, a seletividade, a objetividade e a clareza como suas características fundamentais. Para França (2003, p. 73):

Resumo é a apresentação concisa e seletiva de um texto, ressaltando de forma clara e sintética a natureza do trabalho, seus resultados e conclusões mais importantes, seu valor e originalidade. É importante para os investigadores, sobretudo por auxiliar na seleção de leituras.

Com relação ao estilo de redação e ao conteúdo, ainda segundo França (2003):

⁹ Com exceção desta tradução, todas as demais foram feitas por nós.

O resumo deve constituir-se num texto redigido de forma cursiva, concisa e objetiva, respeitando a estrutura do original e reproduzindo apenas as informações mais significativas, como: objetivos, técnicas de abordagem, descobertas, valores numéricos e conclusões. Limita-se a um parágrafo, devendo incluir palavras representativas do assunto. Devem-se evitar no resumo: (...) comentários, críticas e julgamento pessoal do resumidor; palavras e/ou expressões supérfluas (...). (p. 73-74)

Para Martins (2001, p. 272):

Resumo é a apresentação concisa dos pontos mais importantes de um texto. Sua característica principal é a fidelidade às idéias do autor. A interpretação deve ficar em nível de objetividade e a estrutura implica um plano lógico, orgânico, capaz de revelar o fio condutor traçado pelo autor: introdução, desenvolvimento e conclusão. O resumo deve ter, ainda, um cunho pessoal que permita mostrar os conceitos fundamentais do texto a partir da assimilação individual de quem o redige.

De acordo com a NBR 6028:2003 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), um resumo é “a apresentação concisa dos pontos relevantes de um documento”. São distinguidos dois tipos de resumo de artigo de periódico:

Resumo indicativo: Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De modo geral, não dispensa a consulta ao original.

Resumo informativo: Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.

Como regra de apresentação (ABNT, 2003), “o resumo deve ser composto de uma seqüência de frases concisas, afirmativas e não de enumeração de tópicos. Recomenda-se o uso de parágrafo único. [...] Deve-se usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular”. Já a extensão dos resumos de artigos de periódicos deve ser de 100 a 250 palavras.

Segundo Swales (2000, p. 179), a “qualidade que confere aos resumos seu caráter particular e torna-os fáceis de reconhecer” é a sua “essência de destilação” em relação ao texto do qual ele é um resumo. Referindo outros autores, Swales (2000, p. 179) reforça a importância do resumo na divulgação do artigo científico (AC):

O título e o resumo em artigos publicados são ao mesmo tempo *front matter* e *summary matter*. O *front matter* ou elemento de “valor informativo” (Huckin, 1987) ocorre porque os leitores de ACs são extremamente inconstantes: daqueles que lerão o resumo, somente alguns lerão o artigo. Assim, os resumos funcionam como discursos independentes (Van Dijk, 1980) e como antecipadores do conteúdo e da estrutura do texto que os segue. Bazerman (1984b) vê esse *status* destacado como uma

representação: “O resumo do artigo serve como um passo a mais na transformação do artigo em objeto, visto que o resumo considera o artigo como um todo e então faz uma representação do mesmo” [...].

Ciapuscio (1998), em um estudo diacrônico-contrastivo de resumos em espanhol publicados nos anos de 1940 e 1994, em uma tradicional revista argentina na área de Medicina, revela significativas mudanças funcionais, ao longo do tempo, em vários de seus parâmetros¹⁰. Dentre eles, para fins deste estudo, destacamos o tipo de resumo, a autonomia e os recursos desagentivadores.

Quanto ao tipo, nos textos atuais lideram os resumos informativos, “que constituem versões compactas do artigo, nas quais se recolhe a informação essencial nos segmentos textuais que apresentam a estrutura do *paper* (IMRA)” [introdução, metodologia, resultados e avaliação] (CIAPUSCIO, 1998, p. 239). Quanto à autonomia,

(...) os resumos atuais são textos autônomos, cuja leitura fornece um quadro completo dos resultados da pesquisa e tem como conseqüência que a leitura do artigo, dependendo do nível de informação e detalhe desejado, passe a ser opcional. Essa mudança no caráter dependente/autônomo do *resumo* está evidentemente relacionada com a quantidade imensa de informação científica atual e as resultantes dificuldades para seu processamento e “consumo” (CIAPUSCIO, 1998, p. 228).

Como recursos desagentivadores, dominam as passivas com se, as impessoais com se e os objetos no lugar de sujeitos de verbos de ação. Para Ciapuscio (1998, p. 236), “a ocorrência importante de construções passivas e do estilo nominal responde em parte ao desejo de objetividade e, conseqüentemente, à tendência a postergar e ocultar o agente da ação”.

Com relação ao gerúndio, a polêmica em torno dos seus usos e “abusos” é antiga. De um lado, há linguistas que defendem seu emprego corrente em locuções verbais. Entre eles, Schmitz (2005) alega que a campanha contra o gerúndio “é fruto de preconceito lingüístico sem embasamento numa pesquisa entre os diferentes tipos de usuários de português em diferentes contextos”, e que, subjacente a essa polêmica, “existe uma vontade geral de colocar o idioma numa redoma e não reconhecer que ele

¹⁰ Embora não analisemos em nosso ensaio esses parâmetros, consideramos importante mencioná-los pelo fato de a subárea Medicina pertencer à mesma grande área (Ciências da Saúde) que as Ciências do Esporte, subárea de nosso *corpus*, o que talvez revele algumas similaridades que possam explicar as opções dos autores dos resumos pelo uso do gerúndio.

muda ao longo do tempo”. De outro lado, há os que condenam o gerúndio como “uma firula desnecessária, um drible a mais na comunicação” ou ainda como uma estratégia do falante para esquivar-se de recursos coesivos mais complexos e/ou de um tempo verbal mais preciso.

Como bem observa Lúcia Cunha (2004) a respeito da polivalência do gerúndio:

O amplo rol de papéis gramaticais e discursivos do gerúndio parece contrastar com sua simplicidade mórfica. (...) Com efeito, sua invariabilidade morfológica não o impede de desfrutar dos mesmos privilégios sintáticos do verbo flexionado – limitação enfrentada pelo particípio –, e sua afinidade sintática com o advérbio *lhe* confere uma mobilidade que o infinitivo desconhece. Sua polivalência *lhe* tem custado grande desconfiança por parte de professores de português, que alertam os estudantes para as ‘armadilhas do gerúndio’. E é precisamente dessa versatilidade que se aproveitam os enunciadores quando *lhes* convém deixar pouco explícitas – ou mesmo ambíguas – certas informações.

Foge ao escopo deste ensaio de pesquisa o estudo do gerúndio em locuções ou perífrases verbais¹¹. Na literatura, não encontramos um tratamento exaustivo da forma simples do gerúndio. Por esse motivo, buscamos compilar informações de várias fontes para, dentro do possível, dada a limitação de espaço deste artigo, tentar dar conta minimamente das características sintático-semânticas dessa forma nominal do verbo.

Cunha & Cintra (1985, p. 479) caracterizam que “A forma SIMPLES expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela”. Os autores advertem que “este valor temporal do GERÚNDIO depende quase sempre de sua colocação na frase” (p. 479). Em seguida (p. 479-480), explicitam seis casos de colocação¹², dentre os quais, para fins deste estudo, trataremos apenas destes:

GERÚNDIO ANTEPOSTO À ORAÇÃO PRINCIPAL

Colocado no início do período, o GERÚNDIO exprime:

¹¹ Para obter um quadro geral das perífrases com verbos aspectuais, ver Neves (2000).

¹² Os três outros casos de colocação do gerúndio explicitados por Cunha & Cintra (1985, p. 481-482) são o gerúndio antecedido da preposição *em*; em construções afetivas; e na locução verbal.

uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal: **Ganhando** a praça, o engenheiro suspirou livre. [...]

a) uma ação que teve começo antes ou no momento da indicada na oração principal e ainda continua: **Estalando** de dor de cabeça, insone, tenho o coração vazio e amargo.[...]

GERÚNDIO AO LADO DO VERBO PRINCIPAL

Colocado junto do verbo principal, o GERÚNDIO expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo: *Maciel ouvia **sorrindo***. [...]; *Arrastou-se **penosamente**, **gatinhando** na areia*.

GERÚNDIO POSPOSTO À ORAÇÃO PRINCIPAL

Colocado depois da oração principal, o GERÚNDIO indica uma ação posterior e equivale, na maioria das vezes, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e: *As trajetórias **recomeçaram**, **processando-se** a um ritmo regular*. [...]

Simões (2004) traz ainda outra posição da oração reduzida de gerúndio dentro da sentença matriz: a intercalação (*p. ex., **Notícia da edição de 31/01, {informando que fumar em estabelecimentos comerciais será proibido}, confirma uma velha característica de Paulo Maluf: o autoritarismo***). Segundo o autor, seu uso tem caráter meramente discursivo, com valor de digressão ou comentário. Já em início de sentença, as orações reduzidas de gerúndio podem ser usadas, segundo Simões (2004, p. 34), como

[...] verdadeiros marcadores conversacionais, desempenhando funções similares àquelas apontadas por Castilho (2004) para as preposições: (1) introdução ao tópico discursivo, (2) agregação de informações secundárias, enriquecendo a elaboração do tópico, via adjuntos, (3) determinação/indeterminação/ impessoalização do tópico, (5) articulação do texto, etc.

Simões (2004, p. 33) também aponta seu uso em “expressões formulaicas que facilitam o processo de interação e [...] denotam estratégias argumentativas ora relativamente fracas ora poderosamente fortes”: **Falando de carro, você já mandou consertar o seu?** (p. 35). Na anteposição das reduzidas de gerúndio, segundo Simões (2004, p. 35), “o raciocínio parece estar orientado para a idéia de condição prévia para o entendimento do enunciado”, ou seja, elas “indicam ou apresentam o ponto de partida a partir do qual deve-se processar a informação que se segue. Trata-se de um processo

de discursivização em cuja realização acumulam-se os traços de *lugar no tempo, condição*” (p. 36).

Simões (2004, p. 36) ainda registra, como reminiscência do Português Arcaico, os gerúndios *em cascata*, “propiciando o traço de continuidade narrativa do contexto em que se encontram e permitindo uma leitura como estruturas coordenadas”:

*Amigo, nunca enganei-me contigo, **conhecendo** o vosso genio bellicoso, e patriótico, o que com este vosso procedimento mais confirma, **desprezando** o socego, os carinhos de vossa boa mãe e irmãs, **trocando** com os trabalhos da vida militar... (carta no Correio Paulistano, 07/4/1865) (SIMÕES, 2004, p. 37)*

Citando a linguista Maria Luiza Braga, Simões (2004, p. 34) faz uma interessante colocação sobre os fatores que propiciam diferentes leituras das orações reduzidas:

Em Braga (2002), a autora já argumentava que “*gêneros discursivos diferentes, graus de formalidade diversificados e o próprio sotaque sintático de cada falante*” propiciam superposições na interpretação dos sentidos das orações reduzidas. A opção pela redução poderia conter uma estratégia de “*encobertamento do tempo-modo verbal*”, exigindo do ouvinte um menor comprometimento com as proposições depreensíveis dos enunciados.

Perini (1994, p. 95) descreve, de forma interessante, uma idiosincrasia do gerúndio que o impede de concordar com seu sujeito ou com qualquer sintagma: “o morfema formador de gerúndio, ou seja, *-ndo*, não admite a adição de um morfema PN [de pessoa-número] após si; [...] o efeito observado é que o gerúndio não pode concordar, pois a concordância só se manifesta através de morfemas PN: *-s, -mos, -m etc*”.

Conforme Perini (1994, p. 93), essa idiosincrasia resulta em um problema especial: a dificuldade em estabelecer o sujeito do gerúndio. Como o gerúndio não se flexiona, “não fica claro se o termo inicial de uma frase como (47) *Marivânia chegando, a farra vai começar* deve ser analisado como sujeito ou não”. O autor defende que “as funções sintáticas precisam ser analisadas em termos de protótipos; ou seja, há sentenças cujos sujeitos são ‘mais sujeitos’ do que outras”.

Na tentativa de decidir casos como o de *Marivânia* em (47), Perini (1994) analisa esse sintagma nominal (SN) a partir de três traços sintáticos que, a seu ver, compõem o protótipo do sujeito em português: (1) [CV]: estar em relação

de concordância com o núcleo do predicado (NdP); (2) posição imediatamente antes do NdP; (3) retomável por pronome reto. O autor marca, então, *Marivânia* em (47) como [- CV]; no entanto, considera que esse SN tem traços (2 e 3) que o aproximam de um sujeito. Em seguida, traz um novo argumento nesse sentido: o comportamento desse SN frente ao filtro de posposição (FP). Explica que o FP, que integra o sistema da concordância verbal, exclui frases com sujeito posposto se o verbo for não-pospositivo. Assim, Perini conclui que:

[...] o gerúndio tem, na verdade, um sujeito como qualquer forma finita, muito embora o efeito principal do *status* de sujeito seja mascarado por outros fatores. Os demais efeitos (posição antes do NdP, retomada por pronome reto, comportamento frente ao FP) estão presentes, o que nos autoriza a chamar *Marivânia* de sujeito em (47) (PERINI, 1994, p. 95).

Piacentini (2009a, 2009b) faz uma interessante abordagem do gerúndio em relação às características sintático-semânticas decorrentes de seus usos com e sem vírgula. Embora a autora também emita juízos de valor, atitude por nós evitada neste ensaio, as construções de gerúndio por ela trazidas talvez possam nos auxiliar na descrição das ocorrências que compõem nosso *corpus*. Segundo Piacentini (2009a):

A colocação da vírgula antes do gerúndio é correta quando ele introduz uma oração reduzida equivalente a uma COORDENADA ADITIVA. Ou seja: em vez de usar E + o verbo conjugado no tempo apropriado à frase, você usa a vírgula + **gerúndio** (que não tem forma específica para presente, passado ou futuro; o tempo é dado pela oração principal). O sujeito do **gerúndio** é o mesmo da oração anterior. [...] *O plano veio para estabilizar a economia, acabando* [e acabar] *com a inflação*.

Piacentini refere, ainda, três casos de usos do gerúndio sem vírgula: (1) quando denota uma “finalidade implícita”, isto é, “quando ele configura e introduz uma oração ADVERBIAL FINAL [...]: *Sempre escreve ao pai pedindo* [para pedir] *mais dinheiro*” (2009a); (2) quando sozinho (sem verbo auxiliar) numa oração reduzida adverbial de modo depois da oração principal, quando então “denota MEIO, MODO ou INSTRUMENTO [...], pois aqui se trata de uma oração subordinada na sua ordem normal: [...] *O presidente subiu a rampa correndo*” (2009b); e (3) quando equivale a uma oração adjetiva restritiva (2009b).

4 Posicionamento da análise

As classificações do gerúndio de diferentes autores parecem, em geral, úteis e serão aproveitadas como pistas para o exame de nosso objeto. Na busca pela resposta à questão inicial de pesquisa, tentaremos neste trabalho, observando nosso *corpus*, (1) identificar o sintagma ao qual o gerúndio se refere; e (2) identificar a relação que o gerúndio estabelece com a oração principal.

Partindo da constatação prévia de que nem sempre os textos são pontuados de forma adequada, ressalvamos que a consideração do uso do gerúndio com ou sem vírgula talvez se mostre insuficiente para depreender o sentido que o autor quis dar ao enunciado. Por esse motivo, aliado à idiossincrasia do gerúndio de não concordar com os sintagmas e à sua versatilidade de usos, é natural que façamos inferências particulares como parte de todo processo de leitura e revisão de textos.

Para ilustrar nossa análise, suponhamos que, no resumo, na seção correspondente à metodologia do estudo, a oração gerundiva esteja mal posicionada e não deixe claro se um procedimento foi realizado antes ou depois de outro. Sabe-se que, numa metodologia, essa não é uma informação banal. Uma má interpretação nesse ponto pode pôr em cheque a qualidade de todo o estudo.

Acreditamos, ainda, que um dos motivos do favorecimento do gerúndio pelo gênero resumo seja a exigência de concisão, resultante da delimitação da sua extensão em poucas palavras. O desafio do uso do gerúndio no resumo está, então, em empregá-lo de tal maneira que não comprometa a objetividade e a clareza do texto como um todo. Dito isso, passamos à descrição dos dados.

5 Descrição dos dados

Para uma melhor observação das características sintático-semânticas dos gerúndios encontrados na amostra, geramos a Tabela 1 a seguir. Nela buscamos classificar – de forma bastante básica, pinçando elementos do

aporte teórico oferecido pelos autores em 4.2 – os empregos de gerúndio quanto (1) à posição da oração gerundiva dentro da sentença matriz; (2) ao sintagma ao qual o gerúndio se refere; (3) ao valor do gerúndio; (4) à circunstância expressa, em caso de valor adverbial; e (5) ao tempo da ação/fato expresso(a) pelo gerúndio em relação ao tempo da ação/fato do verbo principal, em caso de caráter verbal ou adverbial. Para tanto, de cada um dos nove resumos selecionados (codificados como R1 a R9), recortamos um trecho mínimo que permite visualizar o funcionamento do gerúndio no enunciado e acompanhar com facilidade a classificação. Salientamos que, na tabela, oferecemos as interpretações que julgamos cabíveis de acordo com as construções dos enunciados. Na descrição posterior, acrescentamos inferências que consideramos autorizadas por nossa experiência com trabalhos na área de Ciências do Esporte. Nosso olhar buscou tanto recuperar o percurso de produção do autor como antever os movimentos de leitura do leitor/revisor. Passemos, agora, à descrição do plano horizontal dos dados encontrados na tabela:

Ref. resumo/ área*	Recorte do resumo**	Posição da oração	Sintagma referido pelo gerúndio	Valor do gerúndio	Circunstância expressa	Tempo da ação expressa
R1 AFS2	<i>Foram realizadas análises antes e após doze aulas priorizando a aquisição de segurança neste novo meio.</i>	Posposição	Análises	Adjetivo	-	-
			Aulas			
			Foram realizadas	Advérbio		
					Modo	Coexistente
R2 AFS13	<i>(...) relacionada a composição corporal, as atividades realizadas no projeto, não produziram resultados diferentes ao grupo inativo, mas apresentaram benefícios em relação aos fatores de risco, promovendo qualidade de vida.</i>	Posposição	Atividades	Verbo	-	Posterior
			Apresentaram	Advérbio	Consequência	Posterior
			Benefícios	Adjetivo	-	-
R3 AFS36	<i>Este trabalho aponta para a necessidade de outros estudos e intervenções no sentido de proporcionar momentos de movimentação corporal orientada, promovendo o estilo de vida ativo e respectiva promoção à saúde.</i>	Posposição	Momentos	Adjetivo	-	-
			Estudos e intervenções	Verbo	-	Posterior
			Proporcionar	Advérbio	Finalidade	Posterior
					Consequência	Posterior

Ref. resumo/ área*	Recorte do resumo**	Posição da oração	Sintagma referido pelo gerúndio	Valor do gerúndio	Circunstância expressa	Tempo da ação expressa
R4 RAN3	<i>A análise das imagens coletadas, assim como os relatos dos participantes, nos deram indícios sobre a pertinência da taxonomia para a aprendizagem e treinamento da esquivia, tornando esse processo seguro e eficaz.</i>	Posposição	Análise... relatos	Verbo	-	Indeterminado
			Deram	Advérbio	Consequência	Posterior
			Indícios	Adjetivo	-	-
			Taxonomia			
Aprendizagem e treinamento						
R5 RAN7	<i>A amostra foi composta por 28 goleiros (amadores e profissionais) utilizando-se o "QUATI".</i>	Posposição	Foi composta	Advérbio	Modo	Anterior
	<i>[...] Atletas com essa atitude gostam de variedade e ação durante as atividades e são impacientes com treinos longos e lentos, sendo mais práticos que teóricos.</i>	Posposição	Gostam... são	Advérbio	Causa	Anterior
R6 RAN11	<i>Os dados quantitativos foram tratados com estatística não-paramétrica (Wilcoxon). Apresentando diferenças significativas ($p \leq 0,05$) nas variáveis depressão e raiva, nos dois grupos; confusão mental nos adolescentes, vigor e fadiga nos adultos.</i>	Oração principal	Indeterminado	Verbo		
R7 RAN12	<i>[...] a participação em programas de treinamento físico também pode resultar em inúmeras modificações dos componentes corporais, promovendo redução de tecido adiposo.</i>	Posposição	Participação	Verbo		Posterior
			Pode resultar	Advérbio	Consequência	Posterior
			Modificações	Adjetivo		
R8 RAN18	<i>Os resultados demonstraram que existe correlação ($r=0,71$; $p<0,01$) entre ambos os testes, constatando que o método Dmáx pode ser utilizado em atletas da categoria juvenil de futebol.</i>	Posposição	Demonstraram	Advérbio	Consequência	Posterior
			Resultados	Verbo		Posterior
			Correlação	Adjetivo		

Ref. resumo/ área*	Recorte do resumo**	Posição da oração	Sintagma referido pelo gerúndio	Valor do gerúndio	Circunstância expressa	Tempo da ação expressa
R9 RAN20	<p><i>Através desta pesquisa, cujo objetivo é identificar e estabelecer métodos e técnicas de intervenção na busca de uma melhor eficiência e eficácia no processo de reabilitação de atletas lesionados, será possível analisar a importância do psicólogo do esporte neste processo buscando a preservação da satisfação pessoal do atleta e uma performance no mínimo equivalente à apresentada anteriormente às lesões.</i></p>	Posposição	Analisar	Advérbio	Condicional	Anterior
			Será possível		Finalidade	Posterior
			Processo	Adjetivo		

Tabela 1 - Classificação dos empregos de gerúndio quanto (1) à posição da oração gerundiva dentro da sentença matriz; (2) ao sintagma referido pelo gerúndio; (3) ao valor do gerúndio; (4) à circunstância expressa, em caso de valor adverbial; e (5) ao tempo da ação/fato expresso pelo gerúndio em relação ao tempo ação/fato do verbo principal, em caso de caráter verbal ou adverbial.

Notas: *AFS = Atividade Física e Saúde; RAN = Rendimento de Alto Nível. **Os grifos nos gerúndios são nossos.

No **R1**, há pelo menos quatro possibilidades de leitura. O gerúndio pode funcionar como adjetivo de *análises* ou de *aulas*; ou ainda como advérbio de finalidade ou de modo, referindo-se à locução verbal *foram realizadas*. Fica então a pergunta: Foram as *análises* ou foram as *aulas* que priorizaram a aquisição de segurança? O revisor poderia evitar essa ambiguidade substituindo o gerúndio por *que priorizavam*, ou antepondo a oração gerundiva ou ainda a locução adverbial antes e após *doze aulas*. No entanto, com valor adverbial, o gerúndio, anteposto ou posposto, ainda deixa dúvida: As análises foram realizadas *para* priorizar ou *por meio* da priorização da aquisição de segurança?

No **R2**, encontramos três interpretações possíveis para a construção tal como está. Aqui a ambiguidade que se instala é: São as *atividades* ou os

benefícios que *promoveram* qualidade de vida? Assim, o gerúndio pode ter valor de verbo, caso em que a oração gerundiva equivale a uma coordenada aditiva (as atividades apresentaram *benefícios* e promoveram qualidade de vida); de adjetivo de *benefícios*, equivalendo a *os quais promoveram*; ou de advérbio de consequência. Ocorre que um leitor mais especializado na área investigada e também mais crítico pode suspeitar, ao contrário desta última interpretação, que a apresentação dos benefícios é que tenha resultado da promoção da qualidade de vida. Supondo que sua leitura coincida com o sentido pretendido pelo autor, a oração gerundiva expressaria, então, causa, ou ainda modo ou explicação (diferença tênue). Acreditamos que a sua intercalação após o *mas* não seja suficiente para esclarecer tal circunstância. Melhor seria substituir o gerúndio por outra construção que fornecesse mais pistas dessa relação.

No **R3**, a tabela mostra as quatro leituras feitas. E novamente uma pergunta: São os *estudos* e *intervenções* ou os *momentos de composição corporal* que promoverão qualidade de vida? O gerúndio pode funcionar como adjetivo de *momentos (que promovem)*; como verbo, equivalendo a uma coordenada aditiva (proporcionar... e *promover*); ou como advérbio de finalidade ou consequência. A vírgula anterior pode ser justificada pela presença da longa locução adjetiva anterior (*de movimentação corporal orientada*).

Foi no **R4** que encontramos o maior número de sintagmas possíveis de serem referidos pelo gerúndio: cinco. A dúvida principal é: O que torna esse *processo* seguro e eficaz? Aqui, além da natureza do gerúndio de não concordar com os sintagmas, também contribuiu para tamanha ambiguidade o embaraço causado pela expressão esse processo, pois não há pistas claras que determinem o que ela retoma. O gerúndio pode ter valor de verbo, numa coordenada aditiva (A análise e os relatos deram indícios e *tornaram...*); de advérbio de consequência, referindo-se a *deram*; ou a oração gerundiva pode equivaler a uma oração adjetiva explicativa, referindo-se *indícios, taxonomia ou aprendizagem e treinamento*.

O **R5** apresenta dois gerúndios que consideramos problemáticos. À primeira vista, o primeiro (*utilizando-se*) parece denotar valor adverbial modal (*por meio da utilização*). No entanto, nosso envolvimento com a área de Ciências do Esporte permite-nos afirmar que o *QUATI* é um questionário que foi utilizado não *para* compor a amostra, mas sim respondido *pela* amostra de goleiros, depois de selecionada. Assim, o revisor poderia ajustar a frase com uma oração coordenada aditiva (*e utilizou-se*). Como não se refere a um sintagma determinado, temos aqui o gerúndio empregado claramente como recurso desagregador, ocultando o sujeito da ação, conforme Ciapuccio (1998). Já o enunciado com o segundo gerúndio (*sendo*) só terá coerência se os *atletas* é que forem mais práticos que teóricos e não os *treinos longos e lentos*; por isso não classificamos essa segunda opção. O gerúndio, então, possui valor adverbial de explicação ou de causa (diferença muito tênue). No entanto, o enunciado ficaria mais claro se a oração gerundiva estivesse anteposta.

O **R6** traz uma construção atípica: a oração gerundiva é a única da amostra que pode ser classificada como principal, pois não está sintaticamente subordinada a outra. Eis aqui um gerúndio num fragmento de frase sem coesão. Daí a dúvida: *O que* apresentou diferenças significativas? A coerência aqui só existirá se houver um esforço de cooperação da parte do leitor em tentar recuperar o sentido pretendido pelo autor. Assim, parece estar implícito que os *resultados* do tratamento estatístico *apresentaram* (como sinônimo de *revelaram*) diferenças significativas. Outra opção seria *Foram observadas* diferenças. No R6, portanto, tanto a forma do gerúndio como a imprecisão lexical contribuíram para a falta de clareza.

No **R7**, existe a dúvida: *É a participação em programas* ou *são as modificações dos componentes corporais* que promovem a redução de tecido adiposo? O gerúndio, então, pode funcionar como verbo, equivalendo a uma coordenada aditiva (*resultar... e promover*); como adjetivo de *modificações*; ou como advérbio. Também aqui, semelhantemente ao caso do R2, um leitor especializado pode suspeitar que a redução do tecido adiposo seja o modo ou a causa das modificações, até porque não está dito quais modificações são essas. Supondo que um desses tenha sido o sentido pretendido pelo autor,

acreditamos que anteposição da oração gerundiva ou a intercalação após *pode* ainda não esclareceriam plenamente a relação.

No **R8**, a oração gerundiva introduz a conclusão do estudo. Pode-se perguntar: Quem constatou? Os *resultados*, a *correlação* ou o *pesquisador*? Na acepção de *comprovar*, temos aqui um recurso desaguntador, não por causa da forma, mas sim pelo sentido do verbo (os *resultados* ou a *correlação* é que *constatam*, e não o pesquisador). Pode ter valor de advérbio de consequência, referindo-se a *demonstraram*; de verbo, equivalendo a uma coordenada aditiva (*demonstraram... e constataram*); ou de adjetivo de *correlação*. Na acepção de *concluir* (mais purista) e também como recurso desaguntador (para não marcar o pesquisador como sujeito), o revisor poderia optar pela forma *constatando-se*, mantendo a vírgula; ou *constatou-se*, antecédida por ponto.

No **R9**, a pergunta que não quer calar é esta: *Quem busca* preservar a satisfação pessoal do atleta...? O *pesquisador*, desaguntado pelo verbo na posição de sujeito (*analisar... será possível*)? *Este processo*? Ou o *psicólogo do esporte*? Assim, dependendo da leitura, o gerúndio pode funcionar como advérbio condicional, referindo-se a *será possível*; ou final, referindo-se a *analisar*; ou ainda como adjetivo de processo (*que busca*). Neste enunciado, o deslocamento do gerúndio, a nosso ver, não resolveria tal ambiguidade. O revisor teria de alterar a construção de modo a fornecer elementos suficientes para tornar o texto objetivo e claro. Para isso, como na maioria das ocorrências, seria preciso consultar o autor para saber sua intenção no enunciado.

6 Ponderação dos dados

A classificação feita na Tabela 1 partiu de nossos pontos de vista pessoais como leitoras e revisoras, e pode, naturalmente, ser questionada. Embora modesta, a classificação permite analisar algumas características recorrentes desses empregos problemáticos do gerúndio.

A mais evidente delas é a **posição da oração gerundiva** dentro da sentença matriz. Em 8 dos 9 resumos, ela está em posposição,

independentemente da circunstância e mesmo quando o tempo da ação/fato expresso é anterior (R5) ao tempo da ação/fato do verbo principal. Conforme Carneiro (1993), “para ter um emprego claro, o gerúndio deve estar o mais perto possível do sujeito ao qual se refere”. Porém, pelo menos em quatro resumos (R1, R2, R7 e R9), parece-nos que não bastaria deslocar a oração gerundiva para evitar as ambiguidades. A nosso ver, nessas ocorrências o revisor teria de reconstruir o enunciado com marcadores lógicos (*para, pois, por meio de*, etc) que evidenciassem o sentido intencionado pelo autor.

Quanto ao **sintagma referido pelo gerúndio**, houve ambiguidade em todos os resumos (se considerarmos a observação sobre o *QUATI* feita na descrição do R5, que inclui um sintagma indeterminado). Sublinhamos que, na oração, a presença antes do gerúndio de mais de um sintagma possível de ser o referido nos parece ser um dos principais problemas do emprego deste, uma vez que, conforme Perini (1994), a sua forma fixa impede-lhe a concordância e, assim, dificulta a identificação do seu sujeito.

Em relação ao **valor** do gerúndio, 8 dos 9 resumos apresentaram mais de uma possibilidade (incluindo R5, cuja descrição considera também o valor verbal). Foi na função adjetiva, tanto com valor restritivo (R1) como explicativo (R4), que o gerúndio deixou mais dúvidas quanto ao sintagma referido, pois havia mais de um possível antes dele. Nesses casos, o revisor poderia optar por uma oração adjetiva (...*que...*) bem posicionada.

Com valor adverbial, o gerúndio propiciou diferentes leituras quanto à **circunstância expressa** em 4 de 9 ocorrências. No entanto, é preciso dizer que essa foi a classificação que nos foi mais difícil de empreender e a que mais tem chances de gerar novas interpretações por parte do leitor/revisor. A possibilidade de pontuação e de posicionamento inadequados das orações contribuiu para as ambiguidades observadas.

Analisando as ocorrências em que atribuímos caráter verbal ao gerúndio, podemos inferir que, em 3 (incluindo R5) de 6 ocorrências, talvez a opção por essa forma nominal e não por uma oração coordenada aditiva deva-se a evitar a repetição do e (R3, ...*e promover* o estilo de vida ativo e

respectiva...; R4, ...e treinamento da esquivada e *tornaram* esse processo seguro e eficaz; R5, ... (amadores e profissionais), e *utilizou-se*...).

Com relação ao **tempo da ação/fato exposto** pelo gerúndio, prevalece a posterioridade (sete ocorrências); no entanto, como já dissemos, as circunstâncias que o gerúndio expressa são variadas. A anterioridade é observada em três ocorrências (R5 e R9); e a coexistência, em apenas uma (R1). O dado da prevalência da posterioridade parece confirmar a tese de Carneiro (1993) de que o gerúndio deve ser evitado “quando a ação expressa [por ele] é posterior à do verbo principal”, pois observamos que tal emprego dá margem a distintas interpretações quanto à circunstância expressa.

Considerações finais

Não foi nosso intuito “condenar” o uso do gerúndio em qualquer situação. Nossa análise restringiu-se a empregos do gerúndio simples no português brasileiro, por parte de usuários bem definidos (autores de resumos de artigos científicos do meio acadêmico), em um contexto discursivo bem delineado (resumos publicados em anais de um congresso científico), e procurou verificar as características sintático-semânticas do gerúndio que podem gerar problemas de compreensão. Buscamos, assim, contribuir com o trabalho do revisor textual.

Verificamos que decorrem da invariabilidade morfológica do gerúndio três características básicas que podem torná-lo um elemento problemático na leitura de resumos: (1) a não-concordância com o sujeito ou com qualquer sintagma; (2) a não-referência a presente, passado ou futuro; e (3) a pluralidade de circunstâncias/proposições expressas. Somado a essas características inerentes ao gerúndio, seu emprego pode gerar ambiguidade quando no enunciado o gerúndio (4) estiver posposto a mais de um sintagma possível de ser o referido; (5) expressar uma ação/fato anterior à ação/fato da oração principal e não estiver em anteposição a esta; e (6) quanto mais afastado estiver do sujeito/sintagma ao qual se refere.

No entanto, observamos que, com valor adverbial, mesmo posicionado adequadamente, por vezes o gerúndio não deixa clara a circunstância que expressa. Nesses casos, desaconselhamos seu emprego. O revisor teria de utilizar marcadores lógicos (*para, pois, por meio de*, etc) que resultassem em mais objetividade e clareza ao texto, qualidades essenciais do gênero resumo. Problema semelhante se verifica com o gerúndio com função adjetiva quando antes dele há mais de um sintagma possível de ser referido. Nessas ocorrências, o revisor poderia optar por uma oração adjetiva (...*que*...) bem posicionada.

Queremos enfatizar que, detectadas ambiguidades, é imprescindível que o revisor textual consulte o autor para conhecer o sentido que este quis dar ao enunciado e, então, encaminhar a melhor solução para desfazer essas ambiguidades.

Por fim, cabe dizer que, no âmbito da investigação do texto técnico-científico, elementos coesivos como o gerúndio mostram-se relevantes para o estudo das linguagens especializadas, visto que contribuem para caracterizar um *modus dicendi* para além do emprego de terminologias.

Como expansão do presente estudo, seria interessante empreender um trabalho de campo para verificar a compreensão da leitura de resumos de artigos científicos por parte de leitores da área.

Agradecimentos

Agradecemos ao PPG em Letras da UFRGS, à Escola de Educação Física da UFRGS, ao CNPq e à CAPES pelos apoios concedidos para este trabalho, especialmente ao Programa DOCFIX CAPES FAPERGS e STIC-AmSud CAPES.

Referências Bibliográficas

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6028:2003 - Informação e documentação - Resumo - Apresentação. 2 p.

ANAIS DO XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CD). Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 4-9 set. 2005.

BENTES, Anna Christina. Lingüística textual. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004, p. 245-287.

CARNEIRO, Agostinho Dias. Como usar o gerúndio? In: _____. **Redação em construção**: a escritura do texto. São Paulo: Moderna, 1993, p. 174-178.

CIAPUSCIO, Guiomar E. Los resúmenes de la revista Medicina: un enfoque diacrônico-contrastivo. **Signo & Seña**. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, n. 10, p. 217-243, 1998.

CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed., 45ª impr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Lúcia Deborah A. de S. **O gerúndio e a expressão da modalidade em português** [resumo de dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

FRANÇA, Júnia Lessa. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 6. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUEDES, Paulo. Olhar, imaginar, organizar, escrever. In: **Da redação escolar ao texto**: um manual de redação. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 85-116.

KLEIMAN, Ângela. Interação na leitura de textos. In: _____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989, p. 65-81.

_____. O ensino da leitura: a relação entre modelo e aprendizagem. In: _____. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes, 2004, p. 49-57.

MARTINS, Dileta Silveira. **Português instrumental**. 22. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, Mário A. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

PIACENTINI, Maria Tereza. Vírgula e gerúndio. *In: Língua Brasil*, coluna “Não Tropece na Língua”, artigo n. 166, 2009a. Disponível em: <<http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=151&busca=ger%FAndio>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. Gerúndio sem vírgula (1). *In: Língua Brasil*, coluna “Não Tropece na Língua”, artigo n. 168, 2009b. Disponível em: <<http://www.linguabrasil.com.br/nao-tropece-detail.php?id=152&busca=ger%FAndio>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

POSSAMAI, Viviane. **Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês**: um estudo sob a perspectiva da tradução. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/4512>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

SCHMITZ, John Robert. Vou estar defendendo o uso do gerúndio. *In: A garganta da serpente*: Artigos envenenados, 2005. Disponível em: <http://www.gargantadaserpente.com/artigos/john_schmitz.shtml>. Acesso em: 13 ago. 2014.

SIMÕES, José da Silva. Variação das orações reduzidas de gerúndio e orações desenvolvidas conjuncionais: sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no português brasileiro. *In: VI Seminário do Projeto para a História do Português Brasileiro, GT Mudança gramatical funcionalista*, Salvador, Ago.-Set. 2004. 49 p.

SWALES, John M. **Genre analysis. English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.